

A viagem na caravela Vera Cruz de Saint-Malo a Lisboa



A caravela Vera Cruz

Sou amigo do Jesus Ferreira desde o tempo da escola primária. Um dia liguei-lhe com uma proposta ousada, porventura pouco consentânea com a nossa propecta idade.

- *Olha lá! E se navegássemos na caravela Vera Cruz de Saint-Malo para Lisboa?*

- *Como tripulantes?*

- *Isso! É uma viagem de evocação histórica que procura reviver o espírito das grandes navegações portuguesas. Apanhamo-la no regresso de Amesterdão.*

- *Durante quanto tempo?*

- *Doze dias.*

- *Conheces lá alguém?*

- *Eu não!*

- *Tu és maluco, ou quê?*

A verdade é que a fizemos entre 29 de Agosto e 9 de Setembro de 2025. Ao longo dos dias, o mar, o vento e a convivência transformaram-se em mestres silenciosos. Cada porto visitado, cada manobra e cada refeição partilhada, traduziram o reencontro da actualidade com a nossa memória colectiva e permitiu-nos sentir e avaliar o engenho e a arte daqueles que, com muita coragem e parca tecnologia, cruzaram então os mares,

À pergunta: -- *O que fazia a Vera Cruz em Saint-Malo?*

E a resposta simples: - Regressava a Lisboa depois de ter representado Portugal, tal como o navio-escola Sagres, no festival *Sail Amsterdão 2025*, onde participam milhares de navios, barcos e barquinhos. Como museu vivo que é, a afluência de visitantes chegou a suplantar as cinco mil entradas diárias, tendo sido reconhecida com distinção entre os demais.

Artigo do *New York Times*, com a caravela em fundo;
28-08-2025 (<https://www.nytimes.com>)



Partimos da Portela para Paris a 27 de Agosto, pois anunciavam-se greves nos aeroportos nacionais e nas ferrovias de França, importando ser prudente para chegarmos a Saint-Malo a tempo da sua escala.



A cidade de Saint-Malo dentro das suas muralhas

Esta é uma antiga cidade corsária, bem fortificada, berço de navegadores e aventureiros que, entre os séculos XVII e XVIII, desafiaram os mares e os impérios. As suas muralhas de granito guardam o eco de nomes de navegadores como Jacques Cartier ou René de Duguay-Troin, Caminhar pelas suas ruelas é como percorrer as entranhas de um porto antigo pejado de navios e nautas, onde o imaginário das caravelas portuguesas parece encontrar parentesco.

Alojados no Hôtel de La Cité junto à muralhas, optámos por uma refeição ligeira no acolhedor restaurante Grand Mère Augustine, onde saboreámos uns mexilhões fresquíssimos, confeccionados à moda local, antecipando o que viria a ser uma viagem marcadamente *marinière*.



Constatando que dispúnhamos ainda de dois dias antes da partida da Vera Cruz, aproveitámos para dar um pulo ao Mont Saint-Michel, que nos ocupou toda a manhã.



De regresso a Saint-Malo, e por indicação do nosso condutor, almoçámos no Lion d'Or, iniciando o repasto com umas ostras frescas da Bretanha, símbolo maior da região, e concluindo a refeição com bife tártaro, sob uma chuvada repentina, que acrescentou um toque pitoresco à experiência.



Na manhã do dia seguinte rumámos a Dinan, uma cidade medieval de ruas empedradas, casas em enxaimel e muralhas bem preservadas. Um cenário encantador, onde o tempo parece ter parado



Regressados a Saint-Malo “tomámos de assalto” a caravela Vera Cruz pelas 16h00.



Depois das preparações e verificações de bordo, o comandante Filipe mandou içar o velame pelas 20h00 depois de uma consulta com o capitão do porto. O plano do nosso skipper era claro: zarpar antes que as tempestades anunciadas vindas do Atlântico (Erin e Gabrielle) nos apanhassem. Navegámos noite dentro rumo a Brest. Marear no canal de Inglaterra à noite, com vaga alta, chuva e vento de N/NO, não é

pera doce. A nossa nave aguentava-se bem, mas, as ondas percorriam o convés traiçoeiras por um e outro bordo, mormente quando mergulhávamos em vales cavados e trepávamos montes escuros cobertos de espuma branca. Depois de várias tentativas malogradas via rádio para recolher ao porto de *Roscoff*, o comandante decidiu avançar e fomos finalmente aí recebidos, ficando assim abrigados de um mar alteroso, tormentas intensas e inevitáveis enjoos. Pela manhã do dia seguinte já cansados, mas seguros, alcançámos porto de abrigo.

Contrariamente ao que se pensava, a nossa estadia em Roscoff teve de ser prolongada por alguns dias, aguardando a melhoria das condições atmosféricas o que foi aproveitado pela tripulação para conhecer o local, esticar as pernas e provar umas vitualhas locais. Roscoff, é uma pequena vila costeira bretã, outrora porto de contrabandistas, e ponto de partida de expedições rumo à Cornualha inglesa. É a terra das cebolas, daí que se chamasse esse nome aos relógios antigos dessa marca.

Ansiosos por comer um cozido à portuguesa e atendendo ao número de couves e cebolas que se vislumbravam na vizinhança, lá convencemos o nosso chefe Ribeiro a confeccioná-lo, tendo alguns do nossos efectuado um “golpe de mão” a esses terrenos agrícolas, no sentido de se municiarem para o referido repasto.



Nós encarregámo-nos de comprar as cebolas, o pão e vinho (*Merlot e Chardonnay*), tudo bom e barato, num Carrefour das redondezas.

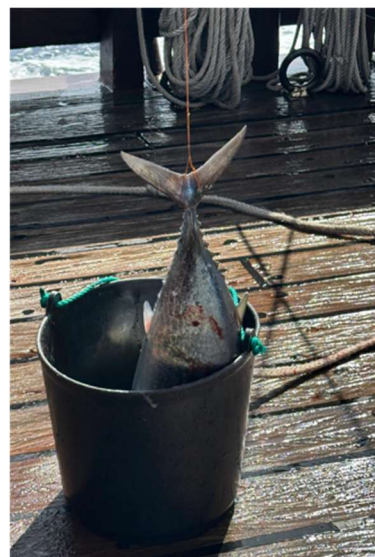
Ansiando pelo jantar, e estimulados pelo aroma que exalava daquela pequena cozinha de 2,5 x 2,5 metros. O pessoal rondava por perto, sempre a controlar os desenvolvimentos do anunciado cozido, deixando o chefe Ribeiro, algo nervoso:
– *Vão até lá fora. Está um dia tão bonito!...*



Entretanto, um casal *luso-brasileiro* cujo veleiro se encontrava igualmente resguardado na marina, viu o pavilhão português içado no nosso mastro e veio conhecer-nos. Convidados para se juntarem ao nosso jantar, comeram e beberam ficando connosco até à mudança do turno das 23h00, No dia seguinte o pequeno-almoço decorreu pachorrento depois do convívio da noite anterior, que propiciara uma conversa mais profunda e alargada de histórias e experiências. Pelo início da tarde, o dito casal trouxe-nos um saco com santolas que apanhara ali no porto e que, depois de devidamente amanhadas, nos proporcionaram um opíparo jantar.



A manhã de 2 de Setembro apresentou-se chuvosa e fria, tendo sido acordados pelo ruído de uma defesa que estoicamente protegia a amura de bombordo, da vaga e do vento, que nos empurravam contra o cais. Zarpámos pelas 11h00 com destino a La Corunha, na Galiza. Estávamos agora em pleno Golfo da Biscaia, longe da costa, sem telemóvel, apenas radio. A vaga e o vento obrigavam a caravela a adornar com frequência. A experiência a bordo tornou-se mais exigente, mas também mais autêntica, evocando o espírito das grandes navegações. Ao final da manhã percebemos algum alarido no convés, decorrente do facto de um dos nossos ter conseguido fisgar um pequeno atum na sua linha com amostra. Um *bonito* com cerca de três quilos, que acabámos por degustar mais tarde.



As trinta e seis horas de mar pareciam alongar-se entre o som do vento nas velas e o ranger compassado dos cabos e madeirame. Cada turno de leme era uma lição de paciência e de marinharia. As vagas, por vezes alterosas, faziam a caravela vibrar como um instrumento de corda. As conversas, entre manobras e refeições rápidas, giravam em torno das histórias do mar, dos ventos e das vidas que o Atlântico guarda em silêncio.



Em alto mar rigor dos turnos e a disciplina da vida a bordo foram determinantes para assegurar a estabilidade da Caravela e as manobras de convés, reforçando o sentido de missão e o espírito marinho de toda a tripulação.

Esta longa jornada permitiu consolidar rotinas, aprimorar a coordenação, aprofundar o domínio das manobras em mar aberto, confirmados pela ausência de incidentes, a eficácia da liderança, e as práticas de segurança adoptadas. Destacou-se, ainda, a serenidade colectiva com que cada tarefa foi executada, revelando maturidade operacional, sentido de entreajuda e camaradagem.

Ao final da tarde, avistámos o farol de Hércules que domina a costa galega e é, o mais antigo farol em funcionamento do mundo, datando da época romana (século I d.C.).



Contemplá-lo da caravela, foi como assistir a um diálogo entre civilizações náuticas separadas pelo tempo, mas unidas pela mesma vocação marítima. Entrámos no porto em La Corunha por volta das 21h00, tendo sido recebidos à chegada por Pepe,

um navegador local experiente, amigo do nosso comandante e membro do Real Club Náutico, junto do qual ficámos atracados.



O jantar reuniu toda a tripulação em alegre convívio na *Casa Vella*, um restaurante simples de mesa corrida.

No dia 5 de Setembro iniciámos a jornada de regresso a Lisboa. A partir da Corunha, a Vera Cruz desceu a costa ocidental da Península Ibérica, mantendo-se, de forma deliberada e prudente, a cerca de vinte milhas da linha de terra. Esta opção, conforme as boas práticas de marinharia, assegurou profundidade e margem de manobra face ao ondular forte do Atlântico Norte, permitindo simultaneamente usufruir da corrente geral de norte para sul que frequentemente favorece esta navegação.

O percurso concluiu-se com a aproximação à costa portuguesa, a passagem pelas Berlengas — que surgiram majestosamente a estibordo por opção, no sentido de manter uma separação prudente de tráfego de pesca ao largo de Peniche. Pelas 3h30 dobrámos o Cabo da Roca com vento de popa e vaga de média intensidade, mas corrente forte, sob um luar encobertado que, ainda assim, emprestava ao mar uma cor de chumbo. Navegámos depois junto à costa, orientados pelos faróis do Cabo Raso, da Guia e de Santa Bárbara já perto da baía de Cascais e, ao romper da manhã avistámos finalmente Lisboa.



Fundeámos no Dafundo preparando as velas e aguardando a hora certa para a entrada no Tejo o que fizemos às 10h30 já com as velas com a Cruz de Cristo enfumadas, tendo atracado à Doca do Espanhol onde nos aguardavam amigos e familiares. Todos vieram a bordo para confraternizar, visitarem a caravela, ouvirem o discurso do comandante e celebrarem com um espumante fresquinho.



A bordo da Vera Cruz percebe-se que a verdadeira viagem não é apenas marítima ou geográfica, ela é interior. Cada vela içada é um gesto de fé no vento e, cada manobra, um diálogo com o desconhecido. Tal como os navegadores de outrora, descobrimos que o mar é espelho do que o ser humano tem de mais profundo: curiosidade, coragem, partilha e solidariedade. Cada porto, cada rosto e cada onda foram capítulos de uma história comum, escrita em convés de madeira e tinta de sal.



Mais uma vez, a caravela Vera Cruz cumpriu o seu desígnio: reavivar a memória náutica de Portugal e provar que, mesmo num tempo dominado pela pressa e pela técnica, ainda há espaço para a contemplação, para a aventura e para o reencontro com o mar. Que esta pequena história testemunhe o espírito português que nunca deixou de navegar homenageando, ontem como hoje, aqueles que continuam a sonhar com novos horizontes.

José Aleixo Dias e João de Jesus Ferreira

Lisboa, 8 de Março de 2026